

Sarney afirma que a crise é econômica

discurso

por Elaine Lerner
de Brasília

O presidente José Sarney disse que a "famosa crise brasileira — não é uma crise econômica", das potencialidades do País e sim uma "crise política, uma crise de Estado". Em seu programa semanal "Conversa ao Pé do Rádio", transmitido em cadeia de rádio nas manhãs de sexta-feira, Sarney considerou equivocadas as interpretações pessimistas do discurso proferido aos estagiários da Escola Superior de Guerra (ESG), na última segunda-feira, quando comunicou que o País estava sem dinheiro até mesmo para os setores básicos. Mas confirmou a "exaus-

tão" do modelo de Estado baseado principalmente em subsídios à área econômica.

No "Conversa ao Pé do Rádio", Sarney desmentiu que a crise seja econômica e afirma que o Brasil continua crescendo economicamente. "As estruturas econômicas estão íntegras, elas estão sólidas e poderosas graças aos nossos recursos naturais e aos nossos recursos humanos", já explicou, que o mesmo não tem acontecido na área política, onde os partidos estão fracos, se dissolvem em facções, causando a debilidade do Estado. "Ai, sim, é que está a famosa crise, e nós estamos justamente lutando para acabar

com ela", assegurou. Repetindo a palavra "exaustão", usada várias vezes durante seu discurso aos estagiários da ESG, Sarney confirmou a "exaustão" do modelo brasileiro que faz com que o povo pague sempre as contas de um modelo inadequado. "O Estado brasileiro não tem mais condições de manter, mediante subsídio, um modelo industrial e economicamente baseado não na qualidade, nas leis do mercado, não nos melhores produtos e sim na base do subsídio", explicou. Segundo o presidente, não há como não "cortar subsídios e enxugar a máquina estatal, conter despesas superfluas, limitar a ação do Es-

tado aos serviços que ele deve prestar à população, serviço de saúde, de educação e de segurança".

Sarney lembrou que o processo de deterioração do Estado brasileiro "vem de longe". O que é de "hoje", esclareceu, é a sua determinação em "ter coragem de cortar subsídio, de fazer uma política de pessoal austera, de cortar despesas, de não aceitar o empreguismo, o paternalismo, de fazer uma nova política industrial", mesmo, "enfrentando interesses contrariados, arrostando com todas as incompreensões, sofrendo a maior campanha que um presidente já sofreu em nossa história".

O problema é o "modelo político"

A seguir, a íntegra do discurso do presidente José Sarney em seu programa semanal "Conversa ao Pé do Rádio":

"Brasileiras e brasileiros,
Bom Dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney em mais uma "Conversa ao Pé do Rádio", nesta sexta-feira, dia dezessete de junho de 1968. Começo afirmando que deram uma interpretação equivocada ao meu discurso aos estagiários da Escola Superior de Guerra, dizendo que o mesmo tinha um tom pessimista, o que realmente não combina com a minha esperança e com a minha certeza de que o Brasil marcha firmemente em direção a ocupar o seu grande lugar na economia mundial, o seu grande peso político e na criação de uma sociedade democrática e socialmente justa. Tanto é assim, que as últimas palavras que pronunciei naquele discurso foram as mesmas que tantas vezes tenho aqui repetido: o Brasil supera qualquer problema porque ele é maior do que suas possíveis dificuldades. Mas há uma coisa que temos de distinguir. O Brasil no seu todo, por exemplo, suas estruturas econômicas estão íntegras, elas estão sólidas e poderosas graças aos nossos recursos naturais e aos nossos recursos humanos, o que faz com que nós possamos resistir a crises e problemas. Basta ver que o Brasil cresceu nos três últimos anos 21%, um crescimento fantástico em face da crise mundial e particularmente da América Latina.

Este continente teria mesmo tido um crescimento negativo caso não fosse o crescimento do Brasil. Nossa balança comercial está apresentando saldos mensais superiores a 1 bilhão e meio de dólares. Por exemplo, o saldo deste mês foi 1 bilhão e setecentos milhões de dólares, o que nos assegura o terceiro lugar no mundo, somente superado pelo Japão e pela Alemanha. Temos, pelo segundo ano consecutivo, a maior safra agrícola de nossa história, 67 milhões de toneladas, e vamos chegar ao fim do

século produzindo 100 milhões de toneladas de grãos. A taxa de desemprego, que quando eu assumi era de 9%, hoje se situa em torno de 4%. Mas, no fundo destes números, está demonstrada a estrutura sólida do Brasil trabalhando, de um Brasil forte, de um Brasil que cada vez mais avança, ganha em competitividade e que cada dia adquire maior experiência e maior vivência no campo industrial e também no campo do domínio do seus problemas. Mas, como eu tenho dito, se na área econômica nós conhecemos grandes avanços, o mesmo não tem acontecido na área política. Daí, a minha afirmativa constante de que a crise é uma crise política, é uma crise do Estado. O Estado brasileiro não tem mais condições de manter, mediante subsídio, um modelo industrial e economicamente baseado não na qualidade, nas leis do mercado, não nos melhores produtos e sim na base do subsídio. Esse modelo é que chegou à exaustão, porque quem paga esse modelo é o povo. Esse modelo corrou as finanças públicas, levou a que chegassemos a uma carga fiscal líquida de somente 8,8%.

Então, não há como se não cortar subsídio e enxugar a máquina estatal, conter despesas superfluas, limitar a ação do Estado aos serviços que ele deve prestar à população, serviço de saúde, de educação e de segurança. Devemos conter o Estado dentro dos limites de suas atribuições e não penalizar o povo com impostos para atender a esse tipo de modelo, que é o modelo do subsídio.

O Estado é a nação politicamente organizada, seus recursos são os impostos. Quando ele gasta mais do que tem, ele tem que emitir o que gera inflação, ele tem que tomar dinheiro emprestado, o que faz com que o Brasil tenha a grande dívida interna e a grande dívida externa que ele tem. Esse processo de deterioração do Estado brasileiro vem de longe. Essa tendência não é de hoje. O que é de hoje, sim, é a determinação que tenho dito, enfrentando interesses contrariados, arrastando com todas as incom-

preensões, sofrendo a maior campanha que um presidente já sofreu em nossa história, para tentar mudar justamente esse panorama, ter a coragem de cortar subsídio, ter a coragem de fazer uma política de pessoal austera, de cortar despesas, de não aceitar o empreguismo, o paternalismo, de fazer uma nova política industrial. Isto sim, é que é novo. Portanto, nada mais otimista do que o discurso que eu fiz. E que o Brasil é tão forte, tão poderoso que ele resiste a problemas dessa natureza. O Brasil está íntegro, o Brasil está próspero. Agora, não podemos negar que o modelo político que fez com que os partidos estivessem todos fracos, se dissolvessem em facções, e que o Estado tivesse se debilitado ao longo do tempo. Ai sim, é que está a famosa crise. E nós estamos justamente lutando para acabar com ela, e temos certeza que vamos acabar. Temos certeza que estamos saindo desses problemas, graças as providências corajosas que nós estamos tomando.

Brasileiras e brasileiros, daqui a pouco eu estarei viajando para Petrolina, estado de Pernambuco, às margens do rio São Francisco, que se tornou um dos grandes centros da agricultura brasileira, graças à irrigação. Eu vou inaugurar uma nova escola agrotécnica, construída pelo atual governo. E aqui eu abro um parêntesis para dizer que no programa do atual governo nós temos duzentas escolas técnicas, algumas já concluídas, outras em construção, num programa gigantesco. E vamos nos lembrar que durante toda a história do Brasil nós temos, hoje, apenas dezessete escolas técnicas. E nós vamos ter duzentas escolas. E o meu programa de, até o fim do governo, ter duzentas escolas técnicas construídas.

No interior do Brasil, terei ainda a oportunidade naquela região de inaugurar uma fábrica para equipamentos de irrigação, de ter a oportunidade de visitar áreas que estão sendo irrigadas e em produção, porque eu quero cada vez mais prestigiar o processo de irriga-

ção que é responsável por dezesseis por cento de nossa produção agrícola.

Eu quero também aproveitar esse programa para mandar uma mensagem muito especial à colônia japonesa do Brasil. Ela completa oitenta anos. E eu sou o presidente de honra das comemorações que estão sendo feitas no Brasil inteiro pelos oitenta anos da chegada do primeiro grupo de japoneses que vieram para o Brasil. Eu estarei aolado de todos eles, desde os remanescentes vitoriosos da imigração com os seus descendentes já na quarta geração e que constituem hoje uma das parcelas mais ativas, dinâmicas, vitoriosas e empoçadas de nossa gente. Eles guardam da sua origem japonesa, além dos traços físicos, da sua cultura milenar, a terna lembrança dos seus antepassados. Mas são plenamente brasileiros, integrados ao Brasil, entusiasticamente brasileiros lutando conosco, acreditando no Brasil e responsáveis hoje por uma grande parcela da riqueza nacional. São empresários, agricultores, intelectuais, estudantes, religiosos, trabalhadores, enfim, em todas as camadas do segmento da sociedade brasileira, aí está essa boa gente de olhos amendoados e vocação para o trabalho. Somos muito orgulhosos deles e mandamos uma mensagem muito especial, dizendo que eu estou presente nas solenidades que serão feitas para marcar essa data.

Finalmente, eu quero renovar a minha palavra de otimismo. Vamos superar todos os problemas, vencer todas as dificuldades. Como eu tenho dito nos últimos programas, os índices que nós estamos tendo, nos mostram que estamos superando as dificuldades. Ontem, eu encontrei no jornal "O Globo", uma boa explicação para o meu otimismo: só é verdadeiramente otimista, diz o editorial daquele jornal, quem aceita a realidade e passa para transformá-la. Essa transformação é a que nós estamos fazendo, com o nosso trabalho e com o trabalho do povo brasileiro. Bom dia e muito obrigado".